

O COLONIALISMO (NÃO) ESTÁ MORTO: UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL DO CONFLITO ISRAELO-PALESTINIANO

ANA MARIA QUADRADO LOURENÇO

s-amqlourenco@ucp.pt

Licenciada em Línguas e Relações Internacionais e Mestranda em Direito Internacional e Europeu. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Direito (Portugal). Foi coordenadora do Departamento de Educação do Grupo de Estudantes do Porto integrante da Amnistia Internacional.

ANDREIA SOFIA BARBOSA LEAL

andrea.sb.leal@gmail.com

Licenciada em Línguas e Relações Internacionais e Mestranda em Economia e Gestão Internacional. Universidade do Porto, Faculdade de Economia (Portugal). Teve experiência internacional de estudo na Alemanha com Bolsa Santander para Erasmus.

DIANA MARIA GRANADO MACHADO

dianagranadomachado@gmail.com

Aluna de dupla-licenciatura em Línguas Aplicadas às Relações Empresariais. Universidade do Porto, Faculdade de Letras (Portugal). Prémio PAD. Foi voluntária CIVAS

IOLANDA CASTRO BARBOSA

iolandabarbosa2002@gmail.com

Licenciada em Línguas e Relações Internacionais. Mestranda em Economia e Gestão Internacional. Universidade do Porto, Faculdade de Economia (Portugal). Bolseira Novos Talentos da Fundação Calouste Gulbenkian.

MARIANA FERNANDES BENTO

marianafernandes@outlook.de

Licenciada em Línguas e Relações Internacionais. Mestranda em Direito Internacional e Europeu. Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Direito (Portugal). Foi voluntária Policy Assistant e Membro da Delegação Jovem à COP29 em Baku, no Azerbaijão.

Resumo

O que é hoje o Estado de Israel nasceu em 1948, num processo mediado pelas Nações Unidas durante a divisão da Palestina. No contexto da primeira revolta palestina, o Hamas emergiu no final dos anos 80 com um compromisso à resistência armada contra a ocupação israelita, visando substituí-la com um Estado palestino. Após décadas de tensão, os ataques de outubro de 2023 desencadearam mudanças na conjuntura geopolítica da região, causando uma mudança de paradigma no discurso político. Enquanto contribuições académicas anteriores se focam na abordagem colonial a um conflito intraestadual e em propor definições para o mesmo, este artigo interpreta o impacto do colonialismo no conflito Israelo-Palestino a partir de uma lente pós-colonial, através da desconstrução de discursos de atores internacionais relevantes após setembro de 2023 e com cinco categorias como guias teóricos



- "Colonialismo de Povoamento", "Preconceito", "Restrição de Liberdades" e "Violência". A análise sugere a conclusão de que, do ponto de vista da maioria dos atores internacionais, a Palestina é a parte oprimida no conflito.

Palavras-chave

Estado da Palestina; Nações Unidas; Colonialismo; Conflito; Atores Internacionais.

Abstract

What is today the State of Israel was founded in 1948, in a process mediated by the United Nations during the division of Palestine. In the context of the first Palestinian uprising, Hamas emerged in the late 1980s with the commitment to armed resistance against the Israeli occupation, aiming to replace it with a Palestinian State. After decade-long tensions, the October 2023 attacks triggered changes in the regional geopolitical conjuncture, causing a paradigm shift in political discourse. While previous academic contributions focus on the colonial approach to an intrastate conflict and propose solutions to define it, this article interprets the impact of colonialism in the Israeli-Palestinian conflict through a post-colonial lens, deconstructing discourses of significant international actors after September 2023 with five categories as theoretical guides – "Settler Colonialism", "Prejudice", "Segregation", "Restrictions to Freedom", and "Violence". The analysis points to the conclusion that, in the perspective of most international actors, Palestine is the oppressed party in the conflict.

Keywords

State of Palestine; United Nations; Colonialism; Conflict; International actors.

How to cite this article

Lourenço, Ana Maria Quadrado, Leal, Andreia Sofia Barbosa, Machado, Diana Maria Granado, Barbosa, Iolanda Castro & Bento, Mariana Fernandes (2026). *O Colonialismo (Não) Está Morto: Uma Análise Pós-Colonial do Conflito Israelo-Palestiniano*. *Janus.net, e-journal of international relations*, VOL. 17, Nº. 1, Maio 2026, pp. 449-476. <https://doi.org/10.26619/1647-7251.17.1.23>

Artigo submetido em 27 de fevereiro de 2025 e aceite em 2 de fevereiro de 2026.





O COLONIALISMO (NÃO) ESTÁ MORTO: UMA ANÁLISE PÓS-COLONIAL DO CONFLITO ISRAELO-PALESTINIANO¹

ANA MARIA QUADRADO LOURENÇO

ANDREIA SOFIA BARBOSA LEAL

DIANA MARIA GRANADO MACHADO

IOLANDA CASTRO BARBOSA

MARIANA FERNANDES BENTO

Introdução

Em 1948, após a formação do Estado de Israel e do primeiro *Nakba*, iniciou-se o conflito Israelo-Palestiniano. Apesar das décadas de tensão na região, este conflito regressou aos holofotes da atenção mediática internacional após os ataques de 7 de outubro de 2023, perpetrados pelo grupo armado Hamas em zonas fronteiriças na manhã de sabá e que tiraram a vida a mais de um milhar de israelitas (Omer, 2024).

Estados, Organizações Internacionais e a sociedade civil têm demonstrado preocupação face à recente escalada de violência e aos relatos de episódios de violação de Direitos Humanos. Assim sendo, estudos desenvolvidos em torno deste tema são pertinentes (Bashir e Busbridge, 2018, p. 391), particularmente após outubro de 2023, tendo em conta a mudança de paradigma provocada pelos ataques do Hamas no discurso político dos atores internacionais.

¹ O presente estudo não teria sido possível sem a preciosa orientação e supervisão da Professora Doutora Joana Castro Pereira. Adicionalmente, as autoras deixam um agradecimento aos revisores anónimos da Janus.net, cujo feedback contribuiu para refinar o contributo científico deste trabalho.



Adicionalmente, aparenta existir uma lacuna na literatura no que diz respeito à interseção entre a teoria pós-colonial e a excecionalidade da natureza do conflito Israelo-Palestiniano. Conforme declarado por Bashir e Busbridge (2018, p. 391), a visão pós-colonial tende a ser marginalizada em detrimento de abordagens teóricas “tradicionais”, o que influencia a conceitualização do conflito e concepção de planos de resolução por parte de líderes estatais, meios de comunicação e até mesmo cidadãos comuns. Neste sentido, consideramos que uma análise orientada pela teoria pós-colonial poderá ter um impacto positivo na compreensão e eventuais tentativas de resolução do conflito – pelo que este estudo assume essa lente teórica.

Através da análise de discursos realizados por inúmeros atores entre setembro de 2023 e abril de 2024, o presente artigo tem como objetivo investigar de que forma a teoria pós-colonial pode contribuir para o entendimento do conflito Israelo-Palestiniano como uma forma distinta de colonialismo, atendendo à incompletude das análises oferecidas pelas teorias tradicionais, que negligenciam o legado do colonialismo europeu nas estruturas, identidades, processos e instituições da ordem política contemporânea (Bashir e Busbridge, 2018, p. 391; Sajed, 2022; Veracini, 2019).

Após a análise discursiva, seguiu-se a discussão e análise dos resultados, nas quais procurámos retirar conclusões pertinentes e alinhadas com as atuais circunstâncias geopolíticas. Também neste estágio, retomámos conceitos-base da revisão da literatura realizada, sustentada nos principais estudos da teoria pós-colonial e numa revisão compreensiva de análises previamente realizadas no âmbito da teoria colonialista. Enquanto o processo detalhado de desconstrução do discurso pode ser consultado no Anexo I, os resultados e conclusões são apresentados na secção final do presente artigo.

Revisão da Literatura

Colonialismo de Povoamento

A complexidade da ocupação israelita da Palestina tem sido, ao longo das décadas, exaustivamente examinada através de lentes teóricas diversas. Porém, a perspectiva do “colonialismo de povoamento” (em inglês, *'settler colonialism'*) é a que reúne maior nível de consenso entre os académicos da área.

Lloyd (2012, pp. 67-68) explica que a manutenção do projeto sionista exige, por natureza, uma hierarquia social divisiva – e, conseqüentemente, a percepção da presença palestina como uma ameaça existencial. Deste modo, a ferramenta utilizada para o domínio territorial é, por excelência, o colonialismo de povoamento (Veracini, 2019, p. 569), que se distingue do colonialismo tradicional na medida em que o principal objetivo dos colonos não é extração de recursos naturais e humanos para benefício próprio, mas sim a conquista permanente do território, expulsando o povo colonizado (Elkin e Pedersen, 2005, citados por Bashir e Busbridge, 2018, p. 391) para regressar à que consideram a sua pátria por direito (Veracini, 2015, p. 270).

Hilal (2015) aprofunda este conceito e afirma que o colonialismo de povoamento e o regime de “apartheid” imposto por Israel não partilham das características de exploração



de trabalho indígena presentes na África do Sul. Pelo contrário, assemelha-se mais às particularidades apresentadas pelo sistema de “reserva” utilizado pelos colonos europeus para dominar os nativos americanos e aborígenes australianos (Hilal, 2015, p. 3). Desse modo, a estratégia de ocupação israelita é singular, posto que opera numa lógica de eliminação da presença indígena (Wolfe, 2006, citado por Bashir e Busbridge, 2018, p. 391).

Enquanto formas tradicionais de colonialismo procuram exercer domínio permanente sobre os territórios indígenas a partir de um centro metropolitano separado, o colonialismo de povoamento visa eliminar a presença do povo indígena através da sua substituição (Veracini, 2013, p. 27), uma técnica denominada de “espacio-cídio” (Sen, 2020, p. 39). Por outras palavras, a meta não é a separação entre colono e colonizado, mas sim da “indigenização” do colono (Veracini, 2013, p. 26), através da negação do indigenismo do povo colonizado (Veracini, 2019, p. 572). Este processo é concluído quando as distinções entre o externo (a metrópole) e o interno (a população indígena) deixam de ser perceptíveis.

Este aspeto explica a dificuldade em detetar a ocorrência de colonialismo de povoamento em locais nos quais o colonizador venceu (Veracini, 2013, p. 28). Até certo ponto, este efeito já se verifica em Gaza e na Cisjordânia, uma vez que a identidade palestina foi erodida até ao ponto que a aceitação como palestino depende dos critérios impostos pelo Estado de Israel. Os restantes – nomeadamente, refugiados e palestinos indígenas com nacionalidade israelita – são considerados uma minoria étnica e não reconhecidos como grupo nacional (Hilal, 2015, p. 2).

Vale notar que o processo de indigenização do colono nem sempre é simples ou natural. Frequentemente, a construção de uma narrativa de pertença histórica ao território desempenha um papel fundamental na sustentação de movimentos coloniais, conferindo legitimidade à reivindicação de indigeneidade do colonizador (Veracini, 2019, p. 578).

Tendo enquadrado a ocupação israelita da Palestina nas óticas do colonialismo de povoamento, “apartheid” e sistemas de reserva, é imperativo mencionar que atores mais progressistas têm vindo a rejeitar as teorias pré-existentes, salientando a importância de forjar termos específicos que definam plenamente a condição geopolítica única que se verifica neste conflito.

Em particular, Merav Amir (2021) expõe a excecionalidade do controlo exercido por Israel, que relega a tradicional gestão populacional e territorial, optando por um conceito híbrido de pós-ocupação (p. 5). No caso de Gaza, esta reconfiguração do domínio substitui a ocupação *per se* pela contenção territorial, o que, conseqüentemente, limita o futuro político da região. Embora esta nova contextualização procurasse uma aproximação ao contexto de cerco, os ataques de 7 de outubro e a retaliação de Israel constituem uma situação sem precedentes, que exige, tal como explicado em continuação, uma rutura das teorias tradicionais.



Estado de Exceção

Outros contributos académicos evidenciam a natureza contraditória da ação do Estado de Israel no sistema internacional. Por um lado, Israel reclama normalidade, legitimidade e pertença aos estados ocidentais, que se afirmam bastiões da democracia e civilização e promotores de valores liberais e humanistas. Pelo contrário, em simultâneo, assume o papel de colonizador e alega, face à necessidade emergencial de defesa contra uma "ameaça externa", "carácter excecional", o que lhe confere isenção das normas de direito internacional (Lloyd, 2012, p.65).

O estado de exceção é, de acordo com David Lloyd (2012), uma característica marcante das colónias de povoamento (p. 71), em linha com a lógica de dominação que, para justificar a expropriação de terras indígenas, se tece uma narrativa complexa de moralidade vs. imoralidade e civilização vs. barbárie, com o colonizador como legítimo protetor da ética e da moral (p. 63).

No contexto em estudo, o estado de exceção não se traduz somente no tratamento discriminatório de palestinianos pela lógica da suspensão da lei por um motivo de força maior. Mais do que isso, normaliza-se através da regulamentação e criação de um "regime de hiperlegalidade" (Hussain, 2007, citado por Lloyd, 2012, p. 75). Em suma, a "proliferação" e "multiplicação de leis" sedimentam a permanência do estado de exceção, legitimando o regime de ocupação (Lloyd, 2012, p. 75).

Dualidade Anticolonial e Pós-colonial

Autores como Sen (2020) e Hilal (2015) realizaram uma análise inovadora da questão palestiniana, segundo a premissa de que o pós-colonialismo e o anticolonialismo coexistem na Palestina (Sen, p. 10). Num contexto de colonialismo de povoamento, é particularmente incomum a coexistência destas duas dinâmicas, uma vez que existem estruturas que fornecem uma ilusão de pós-colonial (Sen, p. 10) e movimentos pela libertação que promovem a emancipação do povo palestiniano, para que as suas perspetivas sejam preservadas em resistência ao discurso do colonizador (Barakat, 2018, p. 358).

Os Acordos de Oslo de 1993 incentivaram esta dualidade, dada a sua influência na supressão do movimento anticolonial através do estabelecimento de estruturas pós-coloniais como o Governo de Gaza (Sen, 2020, pp. 26-27), que, involuntariamente, aceleraram o ritmo de destruição do movimento colonial (Hilal, 2015, p. 4).

Solução de Dois Estados, Estado Único ou Binacionalismo

A solução de dois Estados argumenta que a autodeterminação nacional é expressa mais adequadamente de forma territorial. Assim, a formação estatal é necessária para que se alcance a verdadeira transição do período de domínio e ocupação para o período de independência. Embora tenha sido uma das soluções propostas para este conflito, é hoje considerada desadequada e demasiado simplista pela maioria dos autores, em



comparação com a solução do estado único (Bashir e Busbridge, 2018, p. 395 e Hilal, 2015, p. 4).

Adicionalmente, Veracini (2013) menciona que a proposta de uma solução de dois Estados advém de um entendimento do conflito que passa de subjugação colonial para descolonização. Esta perspetiva negligencia a realidade do colonialismo de povoamento e falha em compreender o sionismo como um movimento que o perpetua; ademais, não pondera as experiências do povo palestino em diáspora e de grupos minoritários como os árabes israelitas (p. 27).

No seu artigo de 2018, Bashir e Busbridge evidenciam a forte conexão entre as histórias judaica e palestina no território histórico da Palestina, o que inviabiliza ainda mais a divisão (p. 389). Além disto, ao manifestar compromisso com a solução de um Estado, Israel ver-se-ia necessariamente forçado a abdicar dos seus privilégios enquanto colonizador e a renunciar ao projeto sionista (p. 396).

A corrente binacionalista, no entanto, afirma que a existência de dois grupos nacionais com direitos iguais à autodeterminação torna exequível a descolonização da Palestina e o reconhecimento mútuo de palestinos e judeus (p. 398).

Discursos Pós-7 de Outubro

Os recentes desenvolvimentos motivados pelos ataques de 7 de outubro motivaram autores como George Horațiu Bontea a rever a conceitualização do conflito (Bontea, 2023, p. 209). Através da análise de discursos, Bontea tentou demonstrar o impacto dos discursos políticos como ferramenta para o prolongamento e agravamento da tensão entre as partes, culminando em ação violenta (Bontea, 2023, p. 210).

O artigo conclui com dois elementos que atuam como pilares narrativos, influenciando a percepção internacional do conflito. Por um lado, a abordagem da Palestina relativamente à afirmação da sua identidade política acentuou a já turbulenta relação com Israel (Bontea, 2023, p. 222). De outro modo, esta permitiu também que o Hamas tomasse as rédeas da totalidade da narrativa da causa palestina, reduzindo a imagem da Palestina à visão deste grupo específico. Contudo, o autor declara ainda que as ações de ocupação promovidas pelas forças armadas israelitas podem ter incitado maior hostilidade nas comunicações públicas emitidas pelo Hamas (Bontea, 2023, p. 222).

Metodologia

A presente pesquisa centra-se na exploração da percepção internacional sobre o conflito Israelo-Palestiniano, através de uma análise de discursos políticos orientada pela tese do pós-colonialismo. De acordo com Sajed (2022), o pós-colonialismo estuda o mundo moderno com base na premissa de que a experiência colonial e a violência não só moldaram como continuam a influenciar as estruturas, identidades, processos e instituições que compõem o sistema político mundial (p. 62). Esta teoria surge durante os processos de descolonização, com o objetivo de assegurar justiça epistémica – isto é,



de reinterpretar a história e as teorias das Relações Internacionais no sentido de incluir vozes, histórias e perspectivas não-ocidentais (p. 73).

A interpretação de discursos pressupõe o conhecimento de conceitos-chave relevantes e relacionados com a base teórica, nomeadamente de “colonialismo”, “anticolonialismo”, “orientalismo” e “colonialismo de povoamento”. Estes são brevemente definidos nos parágrafos seguintes.

O colonialismo pode ser entendido como o processo de conquista e controlo de sociedades com a finalidade de “anexar os seus territórios e controlar os seus recursos” (Sajed, 2022, p. 63). Já “anticolonialismo” corresponde à mobilização histórica erguida por atores locais contra o domínio colonial (Sajed, 2022, p. 64).

O termo “orientalismo” foi cunhado por Edward W. Said (1979), referindo-se à produção tendenciosa de conhecimento sobre o Oriente pelos estados ocidentais, o que legitima o domínio colonial através da construção de narrativas e da hegemonia científica e cultural do Ocidente (pp. 323-330).

Em contrapartida, o colonialismo de povoamento é um sistema de opressão (Wolfe, 2006, p. 388) no qual a eliminação da população nativa é uma condição necessária para a anexação de território e exploração de recursos (Wolfe, 2001, p. 868). A destruição da cultura e legado indígenas são frequentemente apoiadas pela aplicação de legislação discriminatória a favor do opressor.

O presente estudo seleciona um total de 18 discursos compreendidos entre setembro de 2023 e abril de 2024 para análise. Estes incidem principalmente sobre as intervenções após 7 de outubro de 2023, de maneira a refletir a atual conjuntura sociopolítica desencadeada pelos ataques coordenados do Hamas na fronteira israelita. As principais fontes foram jornais internacionais (de onde retirámos citações parciais) e transcrições completas de comunicados partilhadas por Ministérios dos Negócios Estrangeiros e secretariados de organizações internacionais governamentais e não-governamentais.

Após uma triagem inicial, na qual apurámos quais das declarações melhor se encaixavam no enquadramento teórico do artigo, foi elaborado um esquema de codificação. Nesta chave, que se encontra explicitada na Tabela 1 do Anexo, estabelecemos cinco categorias de análise (“Colonialismo de Povoamento”, “Preconceito”, “Segregação” e “Restrição de Liberdades”), que se desdobram em doze subcategorias com a finalidade de melhor integrar as perspectivas em oposição no conflito. Os discursos escolhidos foram fragmentados em citações e posteriormente organizados na tabela de análise (Tabela 2 do Anexo), conforme a sua correspondência com a definição de cada categoria.

Por último, com base no conteúdo de ambas as tabelas que compõem a análise qualitativa, elaborámos a discussão dos resultados apresentados e respetivas conclusões.

Limitações ao estudo incluem o reduzido número de amostras teoricamente relevantes no período de tempo considerado, a barreira linguística –os discursos de língua original hebraica ou árabe foram analisados na sua forma traduzida, e não no idioma no qual foram proferidos – e a subjetividade e particularidade inerentes aos estudos qualitativos.



Análise de Discursos

Tabela 1. Esquema de Codificação

Categoria	Subcategoria	Descrição	Unidade de Análise
Colonialismo de Povoamento	Realizado por Israel	Esta categoria inclui discursos que demonstram que Israel foi vítima de colonialismo de povoamento.	Frase ou excertos de uma frase
	Realizado pela Palestina	Esta categoria inclui discursos que demonstram que a Palestina foi vítima de colonialismo de povoamento.	Frase ou excertos de uma frase
Preconceito	Contra Israel	Esta categoria inclui discursos que expõem a existência de preconceito contra a população israelita.	Frase ou excertos de uma frase
	Contra a Palestina	Esta categoria inclui discursos que expõem a existência de preconceito contra a população palestina.	Frase ou excertos de uma frase
Segregação	Sofrida pelos israelitas	Esta categoria inclui discursos que denotam segregação da população israelita.	Frase ou excertos de uma frase
	Sofrida pelos palestinianos	Esta categoria inclui discursos que denotam segregação da população palestina.	Frase ou excertos de uma frase
Restrição de Liberdades	Liberdade de movimento (Israel)	Esta categoria inclui discursos que delatam restrições à liberdade de movimento da população israelita.	Frase ou excertos de uma frase
	Liberdade de movimento	Esta categoria inclui discursos que	Frase ou excertos de uma frase



	(Palestina)	delatam restrições à liberdade de movimento da população palestina.	
	Liberdade de expressão (Israel)	Esta categoria inclui discursos que acusam restrições à liberdade de expressão da população israelita.	Frase ou excertos de uma frase
	Liberdade de expressão (Palestina)	Esta categoria inclui discursos que acusam restrições à liberdade de expressão da população palestina.	Frase ou excertos de uma frase
Violência	Sofrida pelos israelitas	Esta categoria inclui discursos que denunciam atos de violência contra a população israelita.	Frase ou excertos de uma frase
	Sofrida pelos palestinianos	Esta categoria inclui discursos que denunciam atos de violência contra a população palestina.	Frase ou excertos de uma frase

Análise dos Resultados

Colonialismo de Povoamento

A existência desta categoria torna-se imperativa para o enquadramento teórico do pós-colonialismo, no sentido em que não é possível analisar o conflito Israelo-Palestiniano segundo a lente pós-colonial sem abordar a natureza de eliminação indígena que está na sua base (Wolfe, 2006, citado por Bashir e Busbridge, 2018, p. 391).

Na categoria "Colonialismo de Povoamento", todos os discursos foram analisados segundo as duas subcategorias incluídas nas Tabelas 1 e 2: "Realizado por Israel" e "Realizado pela Palestina". Aqui, procura-se identificar frases que sugiram que colonialismo de povoamento foi realizado por Israel ou, pelo contrário, pela Palestina.

O processo de escolha das frases que integram os discursos foi feito mediante a procura de palavras-chave como: "ocupação", "povoamento", "exílio", "desapropriação", "usurpação", "expansão" ou "expulsão". Isto é, as frases foram selecionadas de acordo com menções à apropriação territorial que está na origem do colonialismo de povoamento.



Dentro da categoria, foram encontradas 24 frases pertencentes à subcategoria “Realizado por Israel”. No que diz respeito à subcategoria “Realizado pela Palestina”, 0 frases foram encontradas.

Possíveis Resultados

Dos discursos que foram analisados, nenhum fez menção a colonialismo de povoamento ter sido realizado pela Palestina, sendo que, em todos os discursos abrangidos por esta categoria, Israel é o único ator acusado de praticar colonialismo de povoamento neste conflito.

Esta conclusão vai ao encontro da análise teórica feita na revisão de literatura, na qual a maioria dos autores consideram Israel um Estado intencionalmente colonizador, que tem por objetivo a ocupação permanente do território e a primordial expulsão do povo palestino.

Preconceito

O discurso pós-colonial é inseparável do preconceito de ambas as partes uma em relação à outra. O preconceito não só confere legitimidade às suas narrativas e ações, como está também relacionado com a unilateralidade de perspectivas que resulta da produção hegemônica do conhecimento pelo Ocidente e reconhecimento do mesmo como legítimo (Said, 1979).

Nesta categoria, os discursos foram distribuídos por duas categorias: preconceito contra Israel e preconceito contra a Palestina. Enquanto cinco citações foram atribuídas a Israel, não conseguimos encontrar nenhum discurso em que autoridades da Palestina manifestem ser vítimas de preconceito. Para proceder a esta classificação, focámo-nos na palavra-chave “antissemitismo” – frequentemente utilizada por Israel e pela sociedade ocidental como uma forma de invocar a memória histórica do Holocausto, uma terrível memória histórica que é utilizada para legitimar o estado de exceção exercido por Israel.

Possíveis Resultados

Embora esta não seja a categoria com o maior número de citações, há uma evidente discrepância entre o número de ocorrências nas distintas partes, com a ausência de menção a ataques preconceituosos contra a Palestina.

A interpretação literal deste resultado indicaria que a população israelita é, em comparação, a que mais sofre de preconceito no contexto do conflito.



Segregação

A inclusão desta categoria é de igual modo essencial para a realização de uma análise abrangente no âmbito da teoria pós-colonial. As políticas de segregação evidenciam a tentativa de divisão da sociedade conforme uma hierarquia racial que culmina na dominação do povo opressor sobre o oprimido (Sajed, 2022, p. 60-62). Numa lógica pós-colonial, procura-se precisamente denunciar este tipo de práticas discriminatórias, que levam à subjugação e eliminação da população nativa nos espaços, com os discursos como ferramenta de perpetuação (Sajed, 2022, p. 71).

Foram definidas as subcategorias “Sofrida pelos israelitas” e “Sofrida pelos palestinos”, procurando-se nos discursos evidências que expusessem a prática de segregação contra a população israelita ou palestina, respetivamente. Para localizar e identificar as frases e excertos que se enquadram nestas subcategorias foram utilizadas algumas palavras-chave, tais como: “apartheid”, “segregação”, “discriminação” e “racismo”. Deste modo, as frases foram atribuídas à categoria conforme a alusão a qualquer tipo de prática segregatória.

Segundo este critério, foram identificadas quatro frases para a subcategoria “Sofrida pelos palestinos” e apenas uma para “Sofrida pelos israelitas”.

Possíveis Resultados

Apesar de não estar entre as categorias com maior número de ocorrências, a questão da segregação vai estando presente ao longo dos discursos pró-palestina que denunciam o carácter colonizador do Estado de Israel. Por conseguinte, verifica-se um número superior de ocorrências cometidas contra o povo palestino, sendo Israel recorrentemente acusado de perpetuar sistemas de apartheid onde práticas discriminatórias e leis de segregação permitem a ocupação eficaz da Palestina.

Restrição de Liberdades

Para analisarmos o conflito Israelo-Palestiniano, há que prestar também atenção à restrição de liberdades, uma vez que, no enquadramento teórico pós-colonial, entender de que maneira um povo vê a sua liberdade – em vários sentidos – condicionada pela imposição de outro é fundamental.

De forma a obter um resultado mais preciso, esta categoria foi dividida em duas partes: “Liberdade de movimento” (dividida para restrições impostas a Israel e à Palestina) e “Liberdade de expressão” (novamente dividida para englobar ambas as partes). No caso da liberdade de movimento, quatro frases foram encontradas sobre a Palestina e nenhuma correspondência foi encontrada para a subcategoria “Israel”. Quanto à liberdade de expressão, três frases foram encontradas relativamente à Palestina e nenhuma enquadrada na subcategoria “Israel”.



Possíveis Resultados

Nesta categoria observamos um maior número de citações ligadas à restrição de liberdades palestinas, em ambos os casos. Tal demonstra que Israel tem vindo a condicionar a liberdade do povo palestino, o que, à luz da teoria pós-colonial, reflete os meios através dos quais um Estado opressor leva a cabo práticas coloniais que limitam a atividade do povo colonizado e apagam a sua presença física e discursiva.

Violência

A categoria "Violência" surge devido à necessidade de, à luz do pós-colonialismo, expor a violência sofrida e perpetuada por ambas as partes (Sajed, 2022, p. 69). Assim, para analisar os discursos dentro deste parâmetro, foram designadas duas subcategorias: "Sofrida por israelitas" e "Sofrida por palestinos".

Para escolher as frases mais adequadas dentro da categoria, houve um foco na procura de palavras-chave como: "violência", "ataque(s)", "morte(s)", "vítima(s)", "extermínio", "massacre", "genocídio" "inocente(s)", "assassinato" ou "crime(s)", bem como respetivos sinónimos ou palavras derivadas. Desta forma, as frases selecionadas refletem os diversos âmbitos em que a violência foi perpetrada.

Dentro da categoria "Violência", foram identificadas vinte e cinco frases referentes à subcategoria "Sofrida por israelitas". No que concerne à subcategoria "Sofrida por palestinos", trinta frases foram selecionadas.

Possíveis Resultados

Dentro da categoria "Violência", ainda que existam mais frases que se inserem na subcategoria "Sofrida por palestinos", os discursos de ambas as subcategorias têm números semelhantes no que diz respeito a referências de perpetuação de violência.

De um ponto de vista pós-colonial e considerando a categoria em análise, ambas as partes do conflito podem ser associadas aos papéis de oprimido e de opressor nos diferentes discursos, uma vez que ambas perpetuam e sofrem violência.

Discussão dos Resultados

Após uma avaliação dos resultados obtidos para as cinco categorias, é possível observar uma tendência discursiva na qual a Palestina é percebida como vítima em, pelo menos, quatro das cinco categorias de análise: "Colonialismo de Povoamento", "Segregação", "Restrição de Liberdades" (incluindo de movimento e expressão) e "Violência".

A utilização de termos como "invasão sionista" em discursos enquadrados na categoria "Colonialismo de Povoamento" refletem o reconhecimento, ainda que moderado, de que a Palestina tem vindo a sofrer uma ocupação comparável à colonização. Neste contexto,



a lente pós-colonial é a mais adequada para demonstrar que as vozes palestinas necessitam de espaço para partilharem as suas ideias, uma vez que o seu espaço geográfico se encontra condicionado por outra entidade. Esta interpretação vai ao encontro da literatura existente sobre o conceito, uma vez que os discursos políticos evidenciam a necessidade do colonizador de exterminar a população nativa para exercer pleno controlo sobre o território e os seus recursos (Wolfe, 2006, citado por Bashir e Busbridge, 2018, p. 391).

Por outro lado, dadas as múltiplas menções a regimes de “apartheid” e segregação, a questão racial torna-se primordial para compreender a hierarquização das perspetivas em confronto do ponto de vista pós-colonial. Não só após outubro de 2023, mas ao longo da história do conflito Israelo-Palestiniano em geral, a questão étnica pesa na dinâmica entre as partes, que recorrem a práticas e políticas de segregação, frequentemente denominadas “apartheid”. A referência ao regime de segregação racial mantido entre 1948 e 1994 na África do Sul é, mais do que meramente ilustrativa, uma ferramenta utilizada pelos locutores para evocar uma memória familiar de violência. Assim, através da memória, os discursos reforçam a intensidade do nível de segregação aplicado pelas autoridades israelitas a fim de silenciar as vozes palestinas. Tal resultado corrobora também com as observações de Hilal (2015): o regime de segregação em vigor em Israel não tem por base explorar o povo palestino a nível laboral, mas sim eliminar a presença dos nativos.

Do mesmo modo – e com um objetivo idêntico – as liberdades palestinas são restringidas pelas autoridades israelitas a vários níveis, sobretudo no movimento e na expressão. Tal como mencionado anteriormente, a criação e manutenção de um “regime de hiperlegalidade” normaliza a ocupação e cimenta o domínio israelita sobre a Palestina (Hussain, 2007, citado por Lloyd, 2012, p. 75). A imposição destas limitações torna ainda mais evidente as práticas coloniais e a necessidade de expressão e resistência por parte do povo oprimido, cujo acesso ao espaço intelectual onde o conflito é debatido se mantém largamente limitado. Assim, os discursos são marcados pela denúncia do silenciamento das vítimas e da sua vilanização pelos meios de comunicação social, tendencialmente controlados pelo opressor, em aliança com os países “civilizados” do Ocidente (Said, 1979).

Em contrapartida, existe uma categoria em que se verificou que Israel se destaca como principal vítima: a categoria “Preconceito”. Ainda que não tenhamos encontrado nenhuma menção direta a este tópico na literatura, o surgimento constante deste fator nos discursos políticos é uma mais-valia para compreender a dinâmica do conflito e, em particular, o carácter mediático assumido pela disputa, particularmente desde 7 de outubro de 2023.

Uma interpretação literal dos números, sem acompanhamento teórico, sugeriria que o preconceito contra o povo palestino não é um fator a ter em conta ao estudar as motivações por detrás das divergências entre as partes, dado que Israel – nos discursos estudados – é entendido como vítima nesta categoria.



No entanto, conforme descrito na teoria do Orientalismo de Edward Said (1979), a representação do conflito nos meios de comunicação *mainstream* tende a ser enviesada e a difundir a narrativa Ocidental, silenciando as vozes e perspectivas de quem realmente se encontra no terreno. Mas, como tem acontecido com as grandes guerras do nosso tempo, o conflito alastrou-se para o mundo online, onde a não-filtragem de informação permite pintar uma imagem mais clara da disputa. A partilha instantânea de imagens e declarações nas redes sociais não tem resultado somente na polarização da opinião pública, mas também na materialização de preconceitos contra minorias que o mundo para lá das fronteiras do conflito assume serem representadas por duas facções em guerra – a comunidade judaica, da qual o Estado de Israel se considera guardião, e a comunidade muçulmana, do lado palestino, representada pelo Hamas no olho público.

Em Berlim, portas apareceram marcadas com estrelas de David (BK, 2023). Porém, é incorreto declarar que apenas a comunidade judaica tem sido alvo de “ataques preconceituosos” – uma palavra-chave na nossa pesquisa – desde 7 de outubro. Pelo contrário, os ataques de ódio contra muçulmanos (islamofobia) dispararam desde o evento, para níveis considerados preocupantes (TELMAMA UK, 2023; VOA News, 2023).

Por fim, a categoria “Violência” trouxe resultados distintos das categorias anteriores. Apesar do superior número de amostras para a subcategoria “Sofrida pelos palestinos”, ambas as partes conflitantes têm um número semelhante de proclamações que indicam terem sido vítimas de violência infligida pelo opositor. Ainda que os tipos de violência relatados tenham motivações distintas, no caso de Israel, os discursos demonstram que as violações e massacres sofridos têm origem em visões antissemitas. No caso da Palestina, acusa-se a existência de um “genocídio” motivado pelo desejo de limpeza étnica em Gaza, e a prática de crimes de guerra por parte de Israel. Deste modo, ambos os povos, segundo a lente pós-colonial, poderiam ser vistos como vítimas pela comunidade internacional.

De facto, na literatura é reconhecida a violência sofrida por Israel, especialmente no que diz respeito aos ataques terroristas cometidos pelo Hamas contra civis israelitas (Bontea, 2023). Também nos discursos surge este reconhecimento; porém, se nos basearmos somente no número de frases identificadas, corremos o risco de retirar conclusões precipitadas. Frequentemente, Israel recorre à memória dos atos históricos cometidos contra o povo judeu, em particular ao Holocausto, para suportar o seu discurso e a necessidade de se proteger para sobreviver. Deste modo, não é possível afirmar que ambos sofram o mesmo tipo de violência e que as suas vozes estejam a ser apagadas da mesma forma.

Quando analisado o conteúdo dos discursos, questões como a da desproporcionalidade da violência devem ser tidas em conta. Os estudos realizados anteriormente indicam que, apesar de Israel constantemente recorrer à ideia do “Estado de Exceção” para justificar os seus atos violentos face à “ameaça palestina” (Lloyd, 2012, p. 65), o que é verificado nos discursos é uma violência exacerbada que vai para além da autodefesa, colocando a Palestina como uma vítima nesta categoria e Israel para lá da legalidade no Direito Internacional.



Assim sendo, através desta análise, podemos afirmar que a Palestina é reconhecida pelos principais atores políticos como a entidade oprimida neste contexto. Consequentemente, a lente pós-colonial permite reconhecer o sistema de dominação em vigor e a necessidade do povo palestino de se libertar da hegemonia colonial ainda presente, para poder encontrar legitimidade e voz junto da comunidade internacional.

Conclusão

O presente estudo teve como principal intuito a análise pós-colonialista do conflito Israelo-Palestiniano, através da análise de 18 discursos proferidos por Chefes de Estado, Ministros dos Negócios Estrangeiros, Organizações Internacionais e Organizações Não-Governamentais. Acreditamos que a nossa pesquisa preenche uma lacuna na literatura após os ataques de 7 de outubro de 2023, que causaram uma vez mais profundas alterações na conjuntura geopolítica sensível e volátil de Gaza. Foram estabelecidas cinco categorias para análise, que permitiram determinar que a Palestina é considerada a parte oprimida neste contexto – com especial destaque para o âmbito da violência, onde se verifica uma significativa desproporcionalidade nos meios de atuação.

É importante notar que o estudo foi limitado pelo reduzido número de amostras compatíveis com a nossa base teórica no período de tempo em análise, pela barreira linguística (especialmente nos discursos de língua original hebraica ou árabe) e a subjetividade e particularidade intrínsecos a estudos qualitativos, que dificultam a generalização destas conclusões para além do caso Israelo-Palestiniano. Porém, oferece uma perspetiva renovada em relação a este conflito dinâmico e em constante transformação, através de um regresso a uma teoria crítica frequentemente negligenciada em detrimento das tradicionais.

Dadas as transformações que os ataques do Hamas em 7 de outubro de 2023 provocaram nas narrativas de ambas as partes, pensamos existir espaço para mais investigação, nomeadamente no âmbito das redes sociais, dado o mediatismo do conflito.

Referências

Barakat, R. (2017). Writing/righting Palestine studies: settler colonialism, indigenous sovereignty and resisting the ghost(s) of history. *Settler Colonial Studies*, 8(3), pp. 349–363. doi: <https://doi.org/10.1080/2201473x.2017.1300048>.

Bashir, B. and Busbridge, R. (2018) The Politics of Decolonisation and Bi-Nationalism in Israel/Palestine. *Political Studies*, 67(2), pp. 388–405. doi: <https://doi.org/10.1177/0032321718767029>.

BK. (2023) *Mitten in Berlin! Judenhasser markieren Häuser mit Davidsternen*. Available at: <https://www.berliner-kurier.de/kriminalitaet> (Accessed: 17 May 2023)



Bontea, G. (2023) Gaza War: From Identity Politics to Polarization in the Western Foreign Policy. *Studia Universitatis Babeş-Bolyai. Studia Europaea*, 68(2), pp. 209–225. doi: <https://doi.org/10.24193/subbeuropaea.2023.2.09>.

Hilal, J. (2015) Rethinking Palestine: settler-colonialism, neo-liberalism and individualism in the West Bank and Gaza Strip. *Contemporary Arab Affairs*, 8(3), pp. 351–362. doi: <https://doi.org/10.1080/17550912.2015.1052226>.

Lloyd, D. (2012) 'Settler Colonialism and the State of Exception: The Example of Palestine/Israel', *Settler Colonial Studies*, 2(1), pp. 59–80. doi: <https://doi.org/10.1080/2201473X.2012.10648826>.

Omer, N. (2024) *Monday briefing: How the 7 October attacks changed Israel, Gaza and the future of the Middle East*. Available at: <https://www.theguardian.com/> (Accessed: 05 February 2026)

Said, E. W. (1979) *Orientalism*. New York City, New York: Pantheon Books. Available at: https://monoskop.org/images/4/4e/Said_Edward_Orientalism_1979.pdf

Sajed, A. (2022) 'Post-colonialism', in Devetak, R. & True, J. (ed.) *Theories of International Relations*. 6th edn. New York: Bloomsbury Academic, pp. 60–76.

Sen, S. (2020) "Decolonizing Palestine: An Introduction" *Decolonizing Palestine*. Cornell University Press.

Sen, S. (2020) "On the Settler Colonial Elimination of Palestine" *Decolonizing Palestine*. Cornell University Press.

Tellmama. (2023) *Greatest Rise in Reported Anti-Muslim Hate Cases to Tell MAMA since Oct 7th*. Available at: <https://tellmamauk.org/greatest-rise-in-reported-anti-muslim-hate-cases-to-tell-mama-since-oct-7th/> (Accessed: 17 May 2023)

Veracini, L. (2013) The Other Shift: Settler Colonialism, Israel, and the Occupation. *Journal of Palestine Studies*, 42(2), pp. 26–42. doi: <https://doi.org/10.1525/jps.2013.42.2.26>.

Veracini, L. (2015) What can settler colonial studies offer to an interpretation of the conflict in Israel–Palestine? *Settler Colonial Studies*, 5(3), pp. 268–271. doi: <https://doi.org/10.1080/2201473x.2015.1036391>.

Veracini, L. (2019b) Israel-Palestine Through a Settler-colonial Studies Lens, *Interventions*, 21(4), pp. 568–581, doi: <https://doi.org/10.1080/1369801X.2018.1547213>.

VOA News. (2023) *Antisemitism, Islamophobia Surge in 2023, Watchdogs Say*. Available at: <https://www.voanews.com> (Accessed: 17 May 2023)

Wolfe, P. (2001) 'Land, Labor, and Difference: Elementary Structures of Race', *The American Historical Review*, 106(3), pp. 866–905, doi: [10.1086/ahr/106.3.866](https://doi.org/10.1086/ahr/106.3.866).

Wolfe, P. (2006) 'Settler colonialism and the elimination of the native', *Journal of Genocide Research*, 8(4), pp. 387–409, doi: [10.1080/14623520601056240](https://doi.org/10.1080/14623520601056240)



Anexo

Tabela 2. Análise

Categoria	Subcategoria	Exemplos de unidades de análise	Referência
Colonialismo de Povoamento	Realizado por Israel	<p>“returned home and built a national home” (1)</p> <p>“A land which welcomed the ingathering of exiles from one hundred different countries.” (1)</p> <p>“The Zionist Invasion of Palestine (...) to conquer Palestine. They attacked and occupied (...)They depopulated the villages (...) (5)</p> <p>“Now Israel occupies all of Palestine.” (5)</p> <p>“(...) The Zionist purpose of these small settlements was and is to hold the land and set roots for settlements in the Palestinian land to prevent their return. (...) Their homes are occupied by settlers(...)” (5)</p> <p>“That is the abolishment of Zionism and all its components: (...) dispossession, occupation (...)” (5)</p> <p>“(...)in support of the Palestinians, the people of Gaza, and the oppressed people of this region (...) in support of the Palestinian people during these tens of years since the lands of Palestine were usurped.” (8)</p> <p>“May God curse the usurping Zionist regime!” (9)</p> <p>“I come to you, carrying the cause of my people who are struggling for freedom and independence” (10)</p> <p>“the continued Israeli occupation of our land” (10)</p> <p>“to liberate the land from a colonial occupation that does not believe in peace” (10)</p> <p>“The effects of this Nakba continue</p>	(1), (5), (8), (9), (10), (12), (13), (17)



		<p>and are exacerbated by the Israeli occupation of our land." (10)</p> <p>"This occupation challenges your resolutions (...)" (10)</p> <p>"This occupation violates the principles of international law and international legitimacy (...)" (10)</p> <p>" (...) end to the Israeli occupation of our territory (...)" (10)</p> <p>" (...) affirm the illegality of the Israeli occupation, and its settlements (...)" (10)</p> <p>"We want to be protected from occupation, from (...) the terrorist Israeli settlers." (10)</p> <p>" (...) this hideous occupation that is imposed on us will not last (...)" (10)</p> <p>"(...) the continued expansion of Israeli settlements (...) and repeated large-scale Israeli operations in Palestinian areas" (12)</p> <p>"Declarations that areas now constitute Israeli State land, together with legal decisions that strengthen settlements and potentially increase demolitions and evictions (...)" (12)</p> <p>"The demolition and seizure of Palestinian-owned houses and other structures continues" (13)</p> <p>"Israel's occupation must end" (13)</p> <p>"(...) and the denial of the right to statehood to the Palestinian people (...)" (13)</p> <p>"In Gaza alone, 1.9 million Palestinians were forcibly displaced (...) State-backed settler violence increased." (17)</p>	
	Realizado pela Palestina		
Preconceito	Contra Israel	"Questioning the Jewish people's right to self-determination, is not	(1), (9), (16)



		<p>legitimate diplomacy, it is antisemitism” (1)</p> <p>“Vilifying and attacking Jews, whether in Israel, in the United States, or anywhere in the world is antisemitism” (1)</p> <p>“(…) Western countries openly showed the evil nature of Western civilization. (…) their civilization is based on evil (…) it was built on separation from and antagonism toward spirituality and spiritual virtues and values. No good can be expected from it.” (9)</p> <p>“Palestinian leader Mahmoud Abbas must stop spreading the horrible antisemitic conspiracies against the Jewish people and the Jewish state.” (16)</p> <p>“(…)the Palestinians must stop spewing Jew-hatred and finally reconcile themselves to the Jewish state.” (16)</p>	
	Contra a Palestina		
Segregação	Sofrida pelos israelitas	“Jewish communities all over the world lament the beginning of our national exile…” (1)	(1)
	Sofrida pelos palestinianos	<p>“That is the abolishment of Zionism and all its components:(…) , Apartheid, racism, discrimination (…)” (5)</p> <p>“apartheid policies that they are practicing against our people.” (10)</p> <p>“(…) perpetuating (…) entrenching apartheid.” (10)</p> <p>“Israeli authorities maintained their system of apartheid, passing laws that deepened the segregation (...), confined Palestinians to deprived locations, and implementing policies that furthered the systematic dispossession of Palestinians. (...) all intensified forced displacement.” (17)</p>	(5), (10), (17)



Restrição de Liberdades	Liberdade de movimento (Israel)		
	Liberdade de movimento (Palestina)	<p>"They were besieged and blockaded by Israel since 2006 from land, air and sea. Their supplies and movements were severely limited." (5)</p> <p>"(...) and with minimal opportunities for patients to exit Gaza (...)" (13)</p> <p>"(...) the continued prohibition on nearly all Palestinian workers entering Israel since 7 October, and severe movement and access restrictions across the West Bank (...)" (13)</p> <p>"Israeli authorities increased restrictions on freedom of movement across the occupied West Bank." (17)</p>	(5), (13), (17)
	Liberdade de expressão (Israel)		
	Liberdade de expressão (Palestina)	<p>"(...)in the days of touted freedom of expression, the voice of the victim is silenced, denied, condemned and vilified." (5)</p> <p>"The control that the Zionists have had over global media outlets throughout these years has not allowed for any voice to be broadcast in favor of Palestine or against the Zionists." (8)</p> <p>"Detentions of Palestinians without charge or trial (...)" (17)</p>	(5), (8), (17)
Violência	Sofrida pelos israelitas	<p>"For one single reason, because they were Jews, just living in the State of Israel with the explicit goal to eradicate Jewish life." (2)</p> <p>"52 innocent victims met their death at the hands of islamic terrorists." (3)</p> <p>"The UK is unequivocal in condemning all acts of terrorism and</p>	(2), (3), (4), (6), (7), (11), (12), (13), (14), (15), (16), (18)



		<p>we have stood by Israel’s side” (3)</p> <p>“I commend Israel’s taking legal action against those settlers who have perpetrated violence.” (3)</p> <p>“and I will make it clear that rather than spreading disgusting, anti-Semitic tropes, and outrageous distortions of history, they should be clear in their denouncement of violence.” (3)</p> <p>“The bloody hands of the terrorist organization Hamas — a group whose stated purpose for being is to kill Jews. (...) This attack has brought to the surface painful memories and the scars left by a millennia of antisemitism and genocide of the Jewish people.” (4)</p> <p>“(...) Hamas using rape, sexual violence, and terrorism and torture of Israeli women and girls (...)” (6)</p> <p>“(...) want to completely annihilate a neighboring democracy — completely annihilate it. Hamas’ stated purpose for existing is the destruction of the state of Israel and the murder of Jewish people.” (7)</p> <p>“Antisemitism is being seen at demonstrations, in statements, in attacks on Jewish shops, in threats” (11)</p> <p>“Hamas does not want reconciliation with Israel, but the extermination of Israel.” (11)</p> <p>“The horrific terror attacks by Hamas and other Palestinian armed groups on 7 October, including mass killings, the use of sexual violence, torture, and the taking of hostages, were an intolerable denial of the most basic values of humanity, and a breach of the most fundamental rules of international law” (12)</p> <p>“Over 100 days have passed since more than 1,200 Israelis and others were killed in the horrific terror</p>	
--	--	---	--



		<p>attacks launched by Hamas against Israel, with over 250 people taken hostage" (13)</p> <p>"(...) Hamas killers who committed crimes against innocent Israelis and against humanity" (14)</p> <p>"(...) the women and girls who were raped, murdered and mutilated by Hamas murderers" (14)</p> <p>"(...) the crimes against humanity committed by Hamas murderers, carried out with the clear approval of their religious leaders to terrorize Israeli society" (14)</p> <p>"(...) since October 7, the United Nations has convened 41 times and has neither condemned nor denounced the brutal crimes of Hamas" (14)</p> <p>" (...) it would be seen as a reward for terror (...)" (15)</p> <p>" (...) after the most atrocious attack committed against the Jewish people since the Holocaust." (15)</p> <p>" (...) this war has been forced upon us by a cynical enemy that not only targets our civilians, has raped, beheaded, burnt babies alive, killed children in front of their parents (...)" (15)</p> <p>" (...) they're committing a double war crime (...)" (15)</p> <p>" (...) will live to fight another- to commit another massacre and another massacre?" (15)</p> <p>"The Palestinian Authority must stop glorifying terrorists. They must stop its ghoulish pay-to-slay policy of giving money to Palestinian terrorists for the murder of Jews." (16)</p> <p>"More than 1,300 innocent Israelis killed (...) by the terrorist group Hamas" (18)</p>	
--	--	---	--



		<p>"Scores of innocents (...) taken hostage" (18)</p> <p>"October 7th, which was a sacred (...) became the deadliest day for the Jewish people since the Holocaust" (18)</p> <p>"(...) bring home those who are being held captive by Hamas" (18)</p>	
	<p>Sofrida pelos palestinianos</p>	<p>"(...) running Genocide in Gaza" (5)</p> <p>"(...) Gaza (...) The largest Concentration Camp on earth (...) " (5)</p> <p>"Massacres were used as a weapon of ethnic cleansing." (5)</p> <p>"That is the abolishment of Zionism and all its components: war crimes, (...) AND GENOCIDE" (5)</p> <p>"I'm heartbroken by the tragic loss of Palestinian life (...) We can't ignore the humanity of innocent Palestinians who only want to live in peace and have an opportunity." (7)</p> <p>"(...) some Islamic countries are also helping the Zionist regime! When? When it is busy killing children, women, and infants." (8)</p> <p>"(...) Zionist regime! Not only did they not stop their massacre of women, children, and defenseless people (...) but they even escalated the killing." (9)</p> <p>"They kill children in the arms of their mothers. They kill patients in hospitals.(...)they resort to attacking families, children, civilians, and elderly men (...)They have killed over 30,000 innocent civilians in the past six months." (9)</p> <p>"The Israeli occupation government also persists in its violations of the city of Jerusalem and its people." (10)</p> <p>"We want to be protected from</p>	<p>(5), (7), (8), (9), (10), (12), (13), (18)</p>



		<p>occupation, from the constant aggressions of the occupation army and the terrorist Israeli settlers.” (10)</p> <p>“ (...) the Israeli, racist right-wing government continues its attacks on our people and its army and its racist, terrorist settlers continue to intimidate and kill our people, to destroy homes and property (...)” (10)</p> <p>“(...) I wonder why remain silent about all the flagrant violations of international law that are being committed by Israel (...)” (10)</p> <p>“The occupying power unlawfully withholds our money with no just cause.” (10)</p> <p>“Israel bears full responsibility (...) for the deliberate spread of weapons, drugs, and criminal killings taking place in Arab cities inside Israel (...)” (10)</p> <p>“Allow me here to tell you that as long as we continue to suffer under the abhorrent Israeli occupation (...)” (10)</p> <p>“In Gaza, six and a half months of Israeli military operations have created a humanitarian hellscape. Tens of thousands of people have been killed. Two million Palestinians have endured death, destruction, and the denial of lifesaving humanitarian aid; they are now staring down on starvation” (12)</p> <p>“According to UNICEF, more than 13,900 Palestinian children have reportedly been killed in intense, often indiscriminate attacks” (12)</p> <p>“(...) with severe limitations imposed by the Israeli authorities on the delivery of humanitarian aid to people in Gaza, who are facing widespread starvation” (12)</p> <p>“More than 450 Palestinians,</p>	
--	--	--	--



		<p>including 112 children, have been killed in the occupied West Bank since 7 October” (12)</p> <p>“Others were killed by armed Israeli settlers, sometimes in the presence of Israeli security forces who reportedly stood by and did nothing to prevent these killings” (12)</p> <p>“(…) the reported killing of a 14-year-old Israeli boy over the weekend set off another wave of armed settler attacks against at least 37 Palestinian villages in the occupied West Bank. Four Palestinians were killed, including a 17-year-old boy” (12)</p> <p>“I urge Israel to take immediate steps to end the unprecedented levels of settler violence (…)” (12)</p> <p>“More than 25,000 people, mainly women and children, have reportedly been killed in operations launched by Israeli forces. More than 60,000 others have been reportedly injured” (13)</p> <p>“The entire population of Gaza is enduring destruction at a scale and speed without parallel in recent history” (13)</p> <p>“2.2 million Palestinians in Gaza face inhumane, squalid conditions, struggling to simply make it through another day without proper shelter, heating, sanitary facilities, food, and drinking water” (13)</p> <p>“(…) reports of Israel’s inhumane treatment of Palestinians detained during military operations” (13)</p> <p>“ Hamas uses innocents — innocent families in Gaza as human shields (…)” (18)</p> <p>“The Palestinian people are suffering greatly as well. We mourn the loss of innocent Palestinian lives” (18)</p> <p>“The people of Gaza need food,</p>	
--	--	---	--



		water, medicine, shelter" (18)	
--	--	--------------------------------	--

Discursos

- 1 - [19/07/2023 - Israeli President, Isaac Herzog, addressing the US Congress](#)
- 2 - [19/10/2023 - Speech by European Commission President, Ursula von der Leyen, at the European Parliament](#)
- 3 - [12/09/2023 - Speech by the UK's Foreign Secretary at the International Counter Terrorism Conference in Herzliya, Israel](#)
- 4 - [10/10/2023 - Remarks by the US President, Joe Biden](#)
- 5 - [14/04/2024 - Speech by activist Salman Abu Sitta, meant to be delivered at the Palestine Conference, to be held in Berlin, Germany](#)
- 6 - [11/12/2023 - Remarks by the US President, Joe Biden, given at a Hannukah Reception](#)
- 7 - [19/10/2023 - Speech by the US President, Joe Biden](#)
- 8 - [10/04/2024 - Speech delivered by Imam Khamenei, the Leader of the Islamic Revolution, in a meeting with Iranian officials and the ambassadors of Muslim countries](#)
- 9 - [10/04/2024 - Sermons delivered by Imam Khamenei, the Leader of the Islamic Revolution, after the Eid al-Fitr prayer in Tehran's Imam Khomeini Mosalla](#)
- 10 - [21/09/2023 - Palestinian Authority President Mahmoud Abbas' address to the UN General Assembly](#)
- 11 - [02/11/2023 - Speech by German Vice-Chancellor Robert Habeck](#)
- 12 - [18/04/2024 - UN Secretary-General's remarks to the Security Council on the Middle East](#)
- 13 - [23/01/2024 - N Secretary-General's remarks to the Security Council - on the Middle East](#)
- 14 - [11/03/2024 - Speech of the Israeli Foreign Ministry Katz at the United Nations Security Council](#)
- 15 - [25/02/2024 - Israeli Prime Minister Benjamin Netanyahu on "Face the Nation"](#)
- 16 - [22/09/2023 - Israeli Prime Minister Benjamin Netanyahu addresses the UN General Assembly](#)
- 17 - [Not dated - Amnistia International - "Israel and Occupied Palestinian Territories"](#)
- 18 - [18/10/2023 - Remarks by the US President, Joe Biden, on the October 7th attacks and "the Resilience of the State of Israel"](#)



*Nota: Após a tomada de posse da administração Trump em janeiro de 2025, a maioria dos discursos publicados no *website* oficial da Casa Branca deixaram de estar disponíveis.